

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
50 ANOS DE ABRIL: QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?
REVOLUÇÃO . LIBERDADE . COMUNIDADE . FUTURO
22 e 29 de janeiro de 2024

MILYANG / SECRET SUNSHINE / 2007
“Sol Secreto”

Um filme de Lee Chang-dong

Realização: Lee Chang-dong / Argumento: Lee Chang-dong, baseado numa história original de Yi Chong-jun / Produção: Hanna Lee / Produção Executiva: Kim In-soo, Lee Chang-dong / Direção de Fotografia: Cho Yong-kyu, com Chu In-sik (iluminação) / Design de Produção: Sihm Jeom-hui / Montagem: Kim Hyun / Música: Christian Basso / Guarda-roupa: Cha Sun-young, Kim Nuri / Som: Steve R. Seo (Kofic) / Interpretações: Jeon Do-yeon (Shin-ae), Song Kang-ho (Jong-chan), Seon Jung-yeob (Jun), Cho Young-jin (Professor), Kim Young-jae (Irmão), Song Mi-rim (filha do professor) / Cópia: DCP, cores, falado em sul-coreano e legendado em inglês e eletronicamente em português / Duração: 142 minutos / Estreia Mundial: 17 de maio de 2007, Coreia do Sul / Inédito Comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.

Levados pelo vendaval de emoções que o antigo Ministro da Cultura e do Turismo da Coreia do Sul, Lee Chang-dong, preparou para esta sua quarta longa-metragem, é natural que nos sintamos atordoados e que, enfim, percamos a lucidez crítica. Não sabemos se é a vida, assaz madraستا, que deixa as personagens vulneráveis ou se é a sua intrínseca e particular fragilidade, decerto malsã, que serve de imã para a tragédia. No funeral do filho pequeno, a protagonista, Shin-ae, ouve a acusação de que a morte deverá ter uma afeição especial pela sua pessoa. Esta mãe recém-enviuçada, que se mudara para a terra do falecido marido à procura de alguma luz na sua vida, na companhia do querido filho, parece sofrer de algo que de todo não controla: o modo como uma tragédia se encadeia noutra tragédia. A atriz Jeon Do-yeon, premiada no Festival de Cannes por esta composição impressionante, parece, de facto, encarnar uma mulher em reabilitação, como se o sofrimento fosse essa droga viciante que nos põe a andar aos círculos, em recaídas sucessivas. Lee Chang-dong acompanha essa circular reincidência do mal – e da maldade – de maneira implacável, mas revelando, ao mesmo tempo, uma profunda vontade de compreender – de “mapear”, apetece antes dizer – todas as configurações do luto na sua feição mais agonizante.

Como já acontecera em **Bakha satang/Peppermint Candy** (1999), e voltaria a dar-se em **Shi/Poesia** (2010), há uma personagem que sofre, colocada numa posição de suprema vulnerabilidade, como que viciada no venenoso mal que o destino reservou para si e para os seus. Lee interroga-se e faz-nos interrogar sobre a possibilidade de haver salvação e de haver um Deus ou uma “luz secreta” que alumia e aquece a alma, quer dizer, que mantém viva a chama, justificando a nossa presença neste mundo. É curioso que Deus comece por ser “oferecido”, em jeito de remédio sem prescrição médica, numa farmácia em Milyang (localidade cujo nome significa “sol secreto”). Mas

a nossa personagem duvida que algum Deus vele por ela e pelo seu destino caprichosamente conduzido pela tragédia. O “momento patético” do drama acontece, claro, quando Shin-ae, já convertida ao catolicismo (cerca de um terço da população sul-coreana professa o catolicismo), decide perdoar o assassino do seu querido filho e se apercebe que esse “seu” Deus “passou por cima dela” ao “ilibar” o condenado. O filme sobre a dor pelo passado ganha, nesse instante, contornos de uma história faustina municida por um sentimento de raiva dirigido a Deus, o que, a espaços, faz lembrar **Breaking the Waves** (1996) de Lars von Trier. Shin-ae é uma personagem cuja história de vida foi escrita a preceito – recordo que é/foi outra ocupação de Lee, a de escritor de romances – colocando-a numa posição privilegiada para atacar ou pôr a nu a petulância divina escondida por detrás da mais alta instância do “perdão” Católico Apostólico Romano. Que Deus é este que se acha em posição de perdoar o homicídio de um filho antes da mãe terrena? Que sofrimento é este que permite à pobre personagem abrir, por via do luto, um processo contra Deus (“Vês?”, pergunta, olhando para cima)? Como castigar a hipocrisia daqueles que O seguem e O prescrevem como se fosse o melhor curativo da alma?

Em jeito de “pano de fundo” (por vezes, literal, qual personagem que espreita ou testemunha, à distância, em *background*) para os caprichos, abusos e injustiças cometidos por Ele, um todo-poderoso Ele, face ao sofrimento dela, a nossa frágil protagonista, temos a personagem mais ridícula e também a mais terrena de todas as que saíram do universo de Lee, interpretada magnificamente por Song Kang-ho, rosto conhecido de alguns (grandes) filmes de Bong Joon-ho, tais como **Salinui chueok/Memórias de um Assassino** (2003) e **Gisaengchung/Parasitas** (2019) e que trabalhou com Lee na sua obra de estreia, **Chorok mulkogi/Green Fish** (1997): a do mecânico apaixonado por Shin-ae – quase que apetece antes dizer “alapedo” à sua vida, desde a chegada desta àquela localidade “igual a tantas outras”. Há uma ironia poderosa escondida na história desta relação, pois aquilo que aparenta ser artificial e instrumental nas ações de Jong-chan, que parece usar Deus para “engatar” a protagonista, não o é menos no caso de Shin-ae, que parece usar Deus para “curar”, como se fosse Aspergic, as suas maleitas e infortúnios, acabando por sucumbir à autocomiseração e à raiva contra Deus e contra a comunidade que, apesar de tudo, a acolheu. Como concluiu Dennis Lim, no ensaio que escreveu para a edição de **Secret Sunshine** com a chancela da The Criterion Collection, intitulado «Secret Sunshine: A Cinema of Lucidity»: “Pondo as coisas de maneira simples, **Secret Sunshine** mostra como a religião nos usa e como nós usamos a religião.”

O desenlace é quase miraculoso, no sentido rosselliniano do termo, um momento de ternura, silencioso, franco e de uma delicadeza poética desarmante. O pequeno gesto que os liga é o da conclusão de um acidentado corte de cabelo, uma tentativa de definitivamente ultrapassar o passado e de, enfim, encarar o futuro, de maneira simples e limpa. Ou, então, tudo permanecerá sujo como aquela poça final que a câmara captura e eterniza à guisa de uma imagem terminal.

Luís Mendonça